

Educação para o desenvolvimento sustentável no Antropoceno: mimese, rituais, gestos

Christoph Wulf

Resumo:

Na era do Antropoceno, as condições, objetivos e processos da formação educacional devem ser fundamentalmente revisados. São impostergáveis a preocupação com o futuro do planeta e a necessidade de se colocar em prática maneiras de agir solidárias que transponham barreiras políticas e culturais. No Antropoceno, a era em que os seres humanos determinam o destino do planeta, os efeitos indesejados da industrialização e da modernização tornam-se um desafio ameaçador. A eles fazem parte a mudança climática, a destruição da biodiversidade, a perturbação de ciclos biogeoquímicos, a acidificação dos oceanos e a poluição do planeta, com comprometimento dos meios de subsistência de seres humanos, animais e plantas. Para contrariar esses desdobramentos desastrosos, a comunidade internacional desenvolveu a concepção de desenvolvimento sustentável, que só pode ser realizada com solidariedade. Educação, formação e socialização têm importância central nesse esforço. É necessário pesquisar que papel desempenham, por exemplo, processos miméticos, rituais e gestuais, que potenciais de transformação eles têm e como eles podem ser utilizados.

Palavras-chave:

antropoceno; educação para a sustentabilidade; futuro ameaçado; mimese; ritual

Education for Sustainable Development in the Anthropocene: Mimesis, Rituals, Gestures

Abstract: In the age of the Anthropocene, the conditions, goals, and practices of education must be fundamentally reexamined. Concern for the future of the planet and the need to act in solidarity across political and cultural boundaries are imperative. In the Anthropocene, the age of humans determining the fate of the planet, the unintended effects of industrialization and modernization are becoming a threatening challenge. These include climate change, the destruction of biodiversity, disturbed biogeochemical cycles, ocean acidification, and the pollution of the planet with threats to the livelihoods of humans, animals, and plants. To counteract these disastrous developments, the world community has outlined the vision of sustainable development, which can only be realized through solidarity. Education and socialization are of central importance for this. Research is needed on the role of mimetic, ritual and gestural processes, their potential for change and how they can be used.

Keywords: anthropocene; education for sustainability; future at risk; mimesis; ritual

L'éducation au développement durable dans l'Anthropocène: Mimesis, Rituels, Gestes

Résumé: À l'ère de l'Anthropocène, les conditions, les objectifs et les procédures de l'éducation doivent être fondamentalement revus. Il est impératif de se préoccuper de l'avenir de la planète et d'agir de manière solidaire au-delà des frontières politiques et culturelles. Dans l'Anthropocène, l'ère où les humains déterminent le sort de la planète, les effets involontaires de l'industrialisation et de la modernisation deviennent un défi menaçant. Il s'agit notamment du changement climatique, de la destruction de la biodiversité, de la perturbation des cycles biogéochimiques, de l'acidification des océans et de la pollution de la planète, qui menace les moyens de subsistance des humains, des animaux et des plantes. Afin de contrer ces évolutions désastreuses, la communauté mondiale a élaboré la vision du développement durable, qui ne peut être réalisée que par la solidarité. L'éducation, l'instruction et la socialisation sont d'une importance capitale à cet égard. Il est nécessaire de mener des recherches sur le rôle joué, par exemple, par les processus mimétiques, rituels et gestuels, leur potentiel de changement et la manière dont ils peuvent être utilisés.

Mots clés: anthropocène; éducation à la durabilité; avenir en danger; mimesis; rituel

Educación para el Desarrollo Sostenible en el Antropoceno: Mímesis, Rituales, Gestos

Resumen: En la era del Antropoceno, las condiciones, los objetivos y los procedimientos de la educación deben ser revisados fundamentalmente. La preocupación por el futuro del planeta y la necesidad de actuar solidariamente más allá de las fronteras políticas y culturales son imperativas. En el Antropoceno, la era en la que los seres humanos determinan el destino del planeta, los efectos no deseados de la industrialización y la modernización se están convirtiendo en un reto amenazador. Entre ellos se encuentran el cambio climático, la destrucción de la biodiversidad, la alteración de los ciclos biogeoquímicos, la acidificación de los océanos y la contaminación del planeta con la amenaza que supone para los medios de vida de los seres humanos, los animales y las plantas. Para contrarrestar esta desastrosa evolución, la comunidad mundial ha elaborado la visión del desarrollo sostenible, que sólo puede realizarse mediante la solidaridad. Para ello, la crianza, la educación y la socialización son fundamentales. Es necesario investigar el papel que desempeñan, por ejemplo, los procesos miméticos, rituales y gestuales, su potencial de cambio y cómo pueden utilizarse.

Palabras clave: antropoceno; educación para la sostenibilidad; futuro en peligro; mimesis; ritual

Introdução

As pessoas preocupam-se com seu bem-estar; preocupam-se em viver uma vida plena de realizações. Elas preocupam-se com outras pessoas que dependem de sua assistência. Sem consideração pela geração seguinte, é impossível uma vida humanamente digna. A preocupação abrange dois aspectos: com as dificuldades que nos atingem e com as pessoas que vivenciam dificuldades. A seguinte contribuição abrange a preocupação que muitas pessoas, em todas as partes do mundo, têm em relação ao futuro da humanidade e do planeta. Elas se perguntam quais são as razões para essas dificuldades, muitas vezes criadas por seres humanos, e quais as possibilidades de se minimizá-las.

Ademais, serão analisadas algumas condições criadas pelos seres humanos que causam preocupação por ameaçarem a vida e o futuro da vida no planeta. Preocupação com o mundo e consigo mesmo fundem-se aqui. A preocupação é pré-requisito da solidariedade. Essa é uma atitude de comunhão entre seres humanos com mentalidade, valores e objetivos semelhantes. Frente à situação de perigo do planeta e do futuro da humanidade no Antropoceno, o desenvolvimento da solidariedade é também um desafio de educação, formação e socialização.

Uma tarefa central da educação está em contribuir para que uma transformação seja realizada por uma sociedade caracterizada pelos efeitos negativos do Antropoceno para uma sociedade de desenvolvimento sustentável. Processos miméticos, rituais e gestos têm importância central para mudar fundamentalmente o comportamento das pessoas em relação à natureza, ao próximo e a si mesmo. Grande número de pesquisas evidencia que o destino do planeta hoje será determinado em grande parte pelas pessoas e pelos muitos efeitos de suas maneiras de agir, em parte involuntárias (Gil & Wulf, 2015; Morin & Wulf, 2003). O ser humano transformou-se em uma força telúrica comprometedora do futuro do planeta. De modo algum é garantido que seja possível assumir o controle sobre sua força destruidora. Mesmo que os geólogos ainda não tenham conseguido se decidir quanto ao reconhecimento dessa nova situação, falar de uma era do Antropoceno parece-me fazer todo sentido para denominar essas novas condições do planeta e da humanidade em um único termo, o termo Antropoceno (Wallenhorst, 2019; Wulf, 2020a, 2020b, 2021; Federau, 2017).

1 O Antropoceno enquanto desafio

Desde a industrialização e particularmente desde a descoberta e utilização da energia nuclear, chegou-se a uma situação em que o ser humano se defronta com os efeitos de suas próprias ações. De início no passado, prejudiciais no presente e ameaçadores no futuro, os desdobramentos da mudança climática, da destruição do

meio ambiente e do malsucedido controle da violência despertam em muitas pessoas insegurança e medo do futuro. Não identificados por muito tempo, depois subestimados e entrementes inevitáveis, os efeitos colaterais dos maus desdobramentos da era moderna serão dificilmente corrigidos. Isso inclui a excessiva exploração que se aproxima da metade da superfície da Terra, o desmatamento, a alteração do ciclo do nitrogênio, o aumento dos gases do efeito estufa, a diminuição da camada de ozônio, assim como a contínua poluição e destruição do meio ambiente. A biomassa global dos mamíferos terrestres cresceu tão fortemente entre 1900 e 2000, que ocasionou o aumento violento da produção de carbono. Medidos em megatoneladas de carbono, registrou-se os seguintes aumentos (Smil, 2011, p. 619):

- entre os seres humanos, de 13 megatoneladas no ano 1900 para 55 megatoneladas em 2000.
- entre animais domésticos, de 35 megatoneladas em 1900 para 120 megatoneladas em 2000.
- entre rebanhos, de 23 megatoneladas em 1900 para 80 megatoneladas em 2000;
- entre animais selvagens terrestres, de 10 megatoneladas de 1900 para 5 megatoneladas em 2000.

Segundo um relatório da ONU, “na virada do milênio, 12% das aves, 23% dos mamíferos, 25% das árvores coníferas e 32% dos anfíbios estão ameaçados” (Millennium Ecosystem Assessment, 2005, p. 35). Segundo a base de dados do WWF, entre 1970 e 2012, a população aquática diminuiu em 49% (Tanzer et al., 2015, p. 16). Além disso, têm uma influência destrutiva sobre o planeta:

- os resíduos de aparelhos eletrônicos, como televisores, smartphones, computadores etc.;
- a alteração do solo pelo cultivo de humanos;
- a sintetização química de quase 100 mil materiais, entre eles grande parte de produtos plásticos;
- os numerosos metais produzidos por humanos, como zinco, titânio e alumínio;
- o ataque à estrutura vital através da criação e manipulação genética;
- as perturbações de ciclos globais na atmosfera, a sedimentação de lagos, rios e mares;
- as catástrofes engendradas por humanos, como Chernobyl e Fukushima.

O mandamento do Deus cristão, de que o homem deveria «subjugar» a Terra, foi realizado no Antropoceno. Agora os efeitos negativos não intencionais e imprevistos desse desdobramento são tão fortes que ameaçam destruir a subsistência do planeta. Falando metaforicamente, poder-se-ia dizer: a natureza reage e mostra aos humanos onde estão os limites. Os 19 milhões de infectados e mais de 1 milhão de mortos da

Covid-19 tornam perceptíveis a todos como funcionam, em última instância, as relações de poder sobre o planeta.

2 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e Educação

Face a essa situação, faz parte da Educação e subjetivação das pessoas ocupar-se do debate sobre as condições do planeta e os problemas da sustentabilidade. No outono de 2015, em sua Assembleia Geral, a ONU aprovou 17 objetivos para o desenvolvimento sustentável. Os objetivos da Agenda 2030 podem ser ordenados em cinco áreas: «seres humanos» (pobreza e fome, vida digna, igualdade, meio ambiente saudável), «planeta» (proteção dos ecossistemas), «paz» (inclusão, paz, equidade), «bem-estar» (o bem-estar de todos através do desenvolvimento econômico e técnico) e «cooperação». A realização dessas tarefas deve ser orientada pelos princípios da universalidade, indivisibilidade, inclusão, obrigação de prestação de contas e cooperação em corresponsabilidade equitativa (Michelsen, 2017; Scholz, 2017).

O desenvolvimento do Programa de Ação 2030 é a expressão da preocupação mundial das pessoas com o futuro. Entre as áreas mais importantes para a realização desse programa de ação estão a educação e a formação. O objetivo é uma educação e formação inclusiva, equitativa, de alta qualidade e ao longo da vida. O programa baseia-se numa visão de educação e desenvolvimento baseada nos direitos humanos e na dignidade em justiça social, diversidade cultural e responsabilidade partilhada (Wulf, 2016). Educação e formação são entendidas como «bem comum» e direito humano fundamental; sua realização é necessária para que sejam possíveis a paz, a realização humana e o desenvolvimento sustentável (UNESCO, 2015).

Na declaração e no programa de ação, é recomendado o desenvolvimento de um sistema escolar público de 12 anos. A escolarização obrigatória, com aulas gratuitas e de boa qualidade, deve durar nove anos e abranger o ensino básico e o secundário. Além disso, são recomendados pelo menos um ano de formação pré-escolar obrigatório e gratuito, a expansão da formação profissional e a alfabetização de adultos. Educação e formação devem ser inclusivas e garantir direitos iguais. Inclusão significa aqui não apenas a integração de crianças com deficiências, mas também a rejeição e o combate a todas as formas de exclusão e marginalização.

Equidade de acesso e tratamento no sistema educacional são as consequências necessárias. Especialmente para meninas e mulheres, há muito o que se fazer em várias regiões do mundo. Para promover o conhecimento e a criatividade das crianças e dos jovens, a qualidade da educação e da formação deve ser melhorada, entre outras coisas, através de uma melhor formação de professores. Finalmente, a promoção da educação e da formação não deve se restringir ao sistema escolar. A formação profissional e a aprendizagem ao longo da vida devem ser desenvolvidas e a capacitação

informal e não-formal devem ser promovidas. Entre 4 e 6% do produto interno bruto ou 15 a 20% dos gastos públicos devem ser usados para a educação. Em consequência da crise da Covid-19, as necessidades financeiras para isso pelo mundo afora são estimadas em 200 bilhões de dólares.

3 Sustentabilidade enquanto «metanarrativa»

A visão de uma *educação e formação inclusiva, equitativa, de alta qualidade e ao longo da vida*, com suas implicações sobre a formação do sujeito, serve como modelo de referência para a educação da sociedade global, como acordado pela comunidade internacional. Em comparação com épocas anteriores, esse desdobramento é um avanço. Isso também se aplica quando se sabe o quão difícil é fazer progressos com objetivos tão abrangentes. Dada a importância da orientação em educação e formação para esses objetivos, a objeção de Lyotard contra as «metanarrativas» da humanidade deve ser considerada (Lyotard, 1986). Depois, há o perigo de que as «metanarrativas» servem para ocultar o fato de que as visões e narrativas que elas designam são dificilmente realizáveis. De fato, a sua existência já oferece certo grau de «satisfação». Sugerem que, com seu projeto, já se melhorou alguma coisa e sabem pelo que lutar e o que fazer. Essa crítica não pode ser descartada. Ela ganha plausibilidade quando se analisa as estratégias concretas do programa de ação e se tomarmos consciência das diferenças quase intransponíveis entre as perspectivas. O caráter visionário da Declaração traz o perigo de se esconder essas dificuldades, que ganham peso durante o trabalho concreto de implementação de reformas individuais. O desenvolvimento de uma visão é uma coisa, sua realização é outra, que traz consigo novas dificuldades perante as quais os elementos visionários perdem seu fascínio. Esses objetivos fazem-nos lembrar das grandes utopias da história europeia: *Politeia* de Platão, *A Cidade do Sol*, de Tommaso Campanella, a *Utopia* de Thomas Morus (Platão, 1958; Campanella, 2004; Morus, 2013). Essa lista pode continuar. Utopias e pensamentos utópicos exercem, no âmbito da educação, uma fascinação da qual quase ninguém consegue escapar. Elas mostram o que seria possível se as pessoas não fossem como elas são e se as utopias pudessem ser realizadas. Utopias tendem a restringir a pluralidade da vida das pessoas em favor de uma ordem social considerada boa. O almejado desenvolvimento da sustentabilidade é muito diferente do que todas as utopias projetadas até aqui. Para atingir seus objetivos, são necessárias mudanças fundamentais em muitas áreas da sociedade, e a educação desempenha um papel central na sua realização mais ou menos bem-sucedida.

4 Desenvolvimento sustentável como tarefa do aprendizado mimético, ritual e gestual

Como aprender um comportamento sustentável que cumpra aos critérios de sinceridade, liberdade e subjetividade? Das muitas possibilidades, os aprendizados *miméticos*, *rituais* e *gestuais* devem ser esquematizados de três formas, com as quais a sustentabilidade pode ser incorporada na ação e no comportamento das pessoas.

4.1 Aprendizado mimético

Na transmissão e mediação das condutas relacionadas à sustentabilidade às novas gerações, os processos miméticos desempenham um papel central. Em grande parte, crianças e jovens aprendem comportamentos sustentáveis através de processos de recriação dos comportamentos que seus pais e irmãos demonstram no cotidiano. Como resultado desses processos miméticos nas crianças e nos jovens, surgem modos de agir, práticas e costumes semelhantes aos das gerações mais velhas. Se, por exemplo, novas formas de lidar com resíduos plásticos, recursos não renováveis e energia elétrica que protegem a natureza devam ser aprendidas pela geração mais nova, é necessário que essas formas de comportamento sejam também desenvolvidas e praticadas pela geração mais velha para que a geração mais nova possa imitá-la.

Aprendizado cultural é essencialmente aprendizado mimético (Gebauer & Wulf, 1995, 1998, 2004). Dessa forma, também uma cultura da sustentabilidade só pode ser desenvolvida com a ajuda de processos miméticos. Numa primeira abordagem, as formas de aprendizagem são descritas como miméticas se puderem ser entendidas como produções e performances físicas, que são ações independentes, que podem ser compreendidas por si próprias e que se referem a outras ações, coisas ou contextos. Ações não miméticas são cálculos mentais, decisões, comportamentos reflexivos ou rotineiros, assim como operações não recorrentes e quebra de regras. Quando as pessoas fazem referência a uma prática cultural já existente, orientada para os objetivos de desenvolvimento sustentável e, ao fazê-lo, elas próprias realizam uma prática cultural ou social, cria-se uma relação mimética entre ambas. Este é o caso quando as pessoas se comportam de forma sustentável, agem de acordo com um modelo correspondente ou exprimem uma ideia de sustentabilidade. Em todos os casos, não se trata de uma simples cópia. Na aprendizagem mimética, não há uma mera imitação que siga exatamente um modelo. Nas práticas miméticas, gera-se algo de próprio (Wulf, 2013a, 2013b, 2017, 2004).

Em contraste com os processos de mímica, em que se realiza uma mera adaptação a determinadas condições, processos miméticos criam simultaneamente semelhança e diferença em relação a outras situações, comportamentos ou pessoas a que se referem. Através da similaridade de comportamentos, situações e mundos culturalmente

moldados anteriormente, os indivíduos adquirem a capacidade de se orientarem num campo social. Ao participar das práticas de outras pessoas, que estão orientadas para os objetivos do desenvolvimento sustentável, indivíduos que se comportam mimeticamente expandem o seu mundo de vida e criam novas oportunidades de ação e experiência relacionadas com a sustentabilidade. Assim, sobrepõe-se receptividade e atividade. Nesse processo, o mundo dado entrelaça-se com a individualidade das pessoas que se comportam mimeticamente. As pessoas recriam experiências anteriormente experimentadas e, na repetição, as tornam suas. Apenas no confronto com essas práticas, ganham a sua individualidade. Apenas nesse processo, o excesso de impulso não detectado das pessoas é formado em desejos individuais e necessidades. O confronto com o exterior e a autoformação do sujeito dão-se no mesmo processo. Mundo exterior e interior igualam-se continuamente e só podem ser experimentados na inter-relação. Semelhanças e correspondências emergem entre o interior e o exterior. Os sujeitos tornam-se semelhantes ao mundo exterior e mudam nesse processo; nessa transformação, mudam a sua percepção do exterior e a sua autopercepção (Wulf, 2005, 2013a, 2013b, 2013c).

Processos miméticos levam a perceber semelhanças e a produzir correspondências com ambientes sociais e culturais. Ao vivenciar tais coisas, as pessoas experimentam o seu significado. Gerar semelhanças é uma das primeiras capacidades humanas. Aparentemente, elas estão entre os fenômenos de mútua correspondência em termos sensoriais. Eles podem ocorrer face a face ou aparecer em processos nos quais uma pessoa se comporta mimeticamente em relação às ações de outra. Também entre seres vivos e inanimados, pode-se descobrir formas de semelhança. O corpo humano ajuda a criar e a expressar semelhanças. A fala é um exemplo evidente disso. Na fala, figuração e expressão, performance e comportamento não são diferentes. Formam dois aspectos, que não se desfazem nos processos miméticos, mas se entrelaçam em um só ato.

Em processos de aprendizagem miméticos, ações anteriores, de tipo social, relacionadas à sustentabilidade, são realizadas mais uma vez. Nesse caso, a referência é *esteticamente* produzida menos pelo pensamento teórico e muito mais pela ajuda dos sentidos; comparada com as primeiras ações culturais ou sociais, a segunda ação se afasta daquela na medida em que esta não mais se confronta com ela, não a transforma, mas uma vez mais a repete; desse modo, a ação mimética tem um caráter demonstrativo e figurativo; sua performance, por sua vez, gera qualidades estéticas próprias. Processos miméticos referem-se a mundos culturais ou sociais já criados (sustentáveis), que ou são realmente manifestados ou imaginários (Gebauer & Wulf 1995, 1998, 2004).

O caráter dinâmico de ações orientadas para a sustentabilidade está associado ao fato de que o saber exigido à sua encenação e performance é um conhecimento

prático. Apenas enquanto saber prático, relacionado à sustentabilidade, é que ele pode contribuir para uma mudança de comportamento no sentido de um desenvolvimento sustentável da sociedade. O conhecimento prático sustentável não é reflexivo, autoconsciente (Kraus, Budde, Hietzge & Wulf, 2017). Isso só pode acontecer no contexto de conflitos, em que as ações daí decorrentes requerem justificação. Se uma prática insustentável não for questionada, o conhecimento prático que lhe está subjacente permanece, por assim dizer, semiconsciente. Tal como o conhecimento do habitus, compreende imagens, esquemas, formas de ação, que são utilizadas para a performance corporal cênica de comportamentos práticos, sem que sua sustentabilidade seja refletida em cada momento. Eles são simplesmente «conhecidos» e empregados na encenação de práticas sociais (Wulf & Baitello, 2019).

O equipamento instintivo residual, o hiato entre estímulo e reação, assim como a «excentricidade», são pré-requisitos da extraordinária plasticidade da subjetividade humana e das possibilidades correlatas a ela para aquisição de um saber prático relacionado à sustentabilidade em processos miméticos que possa ser projetado, encenado e performado (Wulf, 2017; Suzuki & Wulf, 2007; Plessner, 1982). A esse conhecimento prático pertencem também movimentos de corpo, com ajuda dos quais cenas do agir sustentável são arranjadas. Através da disciplinação e controle dos movimentos corporais, surge um saber disciplinado e controlado, o qual – mantido em memória corporal – possibilita a encenação das correspondentes formas do agir simbólico e cênico. Esse saber prático contribui para a extensão das formas de ação e performance em uma cultura da sustentabilidade.

Em processos miméticos, uma concepção orientada pela sustentabilidade ainda não pode por si mesma consumir ações rigorosamente sustentáveis. Aqui reside o inovador potencial promovedor tanto da sustentabilidade quanto da individualidade das ações miméticas. Um saber prático relevante para ações sustentáveis é corporal; em grande medida, ele se constrói em situações face a face; contudo, isso nem sempre é semanticamente claro; há componentes imaginários, não se deixa reduzir a intencionalidade, contém um excesso de significados e se mostra nas encenações e performances de ações sustentáveis cotidianas.

4.2 Rituais

Para a formação de comportamentos sustentáveis que corrijam os desdobramentos negativos do Antropoceno, não somente os processos miméticos têm importância crucial. Igualmente importantes são os rituais e os arranjos ritualísticos, nos quais sujeitos executam ações e comportamentos sustentáveis, por exemplo, ao decidirem o manejo de bens de consumo. Nesse contexto, é a repetição ritualística de um comportamento performativo sustentável que leva à sua incorporação. Os rituais oferecem muitas possibilidades para o desenvolvimento de ações e comportamentos, conforme

mostram as pesquisas do *Berliner Ritual- und Gestenstudie* (Estudos Berlinenses de Rituais e Gestos (Wulf et al., 2001, 2004, 2007, 2010, 2011)). Dessa forma, é sobretudo a repetição (Resina & Wulf, 2019), a performatividade (Wulf & Zirfas, 2007) e o caráter social dos processos rituais (Wulf, 2005; Wulf & Zirfas, 2004) que levam ao desenvolvimento de uma ação sustentável de sujeitos e comunidades. A tarefa consiste em, com auxílio da educação e formação, reduzir os modos de comportamento que têm efeitos destruidores sobre a natureza e o meio ambiente. Trata-se de encenar e desenvolver na vida cotidiana novos rituais que contribuam para preservar a natureza e o meio ambiente e promover o desenvolvimento sustentável. É especialmente importante substituir as formas excessivas de consumo por comportamentos sustentáveis.

Desenvolver novos rituais orientados pela sustentabilidade não é fácil. Contudo, sem eles uma transformação dos comportamentos cotidianos em comportamentos e ações sustentáveis não é possível. Por isso, quero desenvolver alguns pontos de vista que mostram porque os rituais para o desenvolvimento de indivíduos e comunidades de comportamento sustentável são indispensáveis.

1. ***A geração de comportamentos solidários e sustentáveis e de comunidades sustentáveis não é possível sem os rituais correspondentes.*** Comunidades que se comportam de maneira sustentável formam-se e transformam-se em processos e práticas rituais. Através do conteúdo simbólico das formas de interação e comunicação e, sobretudo, através de processos performativos é que os rituais criam e estabilizam comunidades sustentáveis. Através do caráter performativo, eles podem transformar comportamentos não sustentáveis em sustentáveis. Para tal, eles desenvolvem um ciclo relativamente seguro e homogeneizador. Com isso, as técnicas e práticas utilizadas auxiliam a reprodutibilidade das ações, sua dirigibilidade e controlabilidade, a visibilidade dos meios e recursos necessários, assim como a perceptibilidade de efeitos e perturbações.
2. ***O desenvolvimento de estruturas de ordem sustentáveis exige rituais.*** Como padrão comunicativo de ação, desenvolvem regularidade e convencionalidade que promovem a sustentabilidade que conduzem a um horizonte prático de conhecimento e percepção, baseados nos valores da sustentabilidade. Rituais são práticas corporais que determinam, canalizam e produzem formas de experiência, de pensamento, de lembrança e de conteúdos baseados na sustentabilidade.
3. ***Rituais apoiam indivíduos e sociedades na produção de uma identidade baseada na sustentabilidade.*** Quando rituais levam a uma transição em termos espaciais, temporais ou sociais para uma realidade sustentável, então falamos de um ritual de passagem. Acima de tudo, remete-se à função dos rituais de gerar identificação, possibilitar transformação e, assim, criar as condições para a sustentabilidade. O potencial de transformação e inovação dos rituais reside no caráter simbólico e performativo, no aspecto criativo, sustentável, indutor de formas de viver.

4. ***Rituais promovem memórias e projeções de comportamentos sustentáveis.*** Eles ajudam indivíduos e comunidades a se certificarem constantemente de suas ações e comportamentos sustentáveis e orientam para a sustentabilidade, confirmam seus potenciais transformadores através da repetição e lhes conferem durabilidade. Eles visam a encenação da continuidade de comportamentos sustentáveis, sobre o caráter do processo e a concepção e orientação futura de comunidades sustentáveis. Rituais formam a síntese de memória social e de projetos comunitários de futuro direcionados à sustentabilidade. Eles promovem recordações referentes à sustentabilidade e fazem com que outras caiam no esquecimento. Através de sua estrutura repetitiva, eles sinalizam durabilidade; suas encenações geram e controlam aspectos da memória relativos à sustentabilidade.
5. ***Rituais relativos ao desenvolvimento da sustentabilidade desempenham um papel importante no processamento de condicionalidades destrutivas do antropoceno.*** Quando as comunidades do Antropoceno passam por situações de crise e vivenciam diferenças, os rituais são necessários para manter sua identidade e orientar para a sustentabilidade. Os rituais criam um processo relativamente seguro e homogêneo. Durante a evolução do processo de transição para formas de sustentabilidade, as comunidades passam por experiências de integração e segregação. Os rituais auxiliam a alcançar um entendimento comunicativo sobre situações do Antropoceno, que extravasa os enquadramentos cotidianos e é entendida como ameaça.
6. ***Rituais têm importante força mágica no desenvolvimento de comportamentos sustentáveis.*** Neles um comportamento sustentável é aprendido através de práticas partilhadas. Em muitos casos, essas práticas ainda não são executáveis, realizáveis e controláveis nos contextos de vida «reais». Nessas situações, os rituais podem ser vistos como arranjos para reduzir a complexidade, com a ajuda dos quais os participantes do ritual se relacionam com um «exterior». Para tanto, eles traçam linhas divisórias, cobrem distâncias e acreditam que as forças miméticas e performativas desenvolvidas no ritual possuam um poder mágico, que não é apenas interno, mas pode também ter efeito externo.
7. ***Rituais são sistemas de ação para processar diferenças.*** Ao mesmo tempo em que asseguram um contexto de ação interativo e voltado para a sustentabilidade, eles objetivam a integração e a formação de comunidade. A noção de comunidade performativa não se refere a uma unidade antecedente, orgânica ou natural, a uma união emocional, a um sistema simbólico de significado ou a um valor coletivo orientado para a sustentabilidade, mas aos padrões rituais de interação. Com a questão de como as comunidades relacionadas à sustentabilidade criam, confirmam e mudam, surgem formas rituais de encenação, práticas físicas e linguísticas, enquadramento espacial e temporal, bem como formas miméticas de circulação. O resultado é uma comunidade performativa orientada à concretização da sustentabilidade com um

espaço de ação e experiência ritualizado, que se caracteriza por elementos encenados, miméticos e lúdicos (Wulf et al., 2004).

8. ***Rituais iniciam processos miméticos.*** O agir ritualístico não gera meras cópias de rituais anteriormente consumados. Toda performance de um ritual toma por base uma nova encenação que leva a uma modificação de ações ritualísticas anteriores. Existe uma relação mimética entre ações rituais passadas, presentes e futuras, em que novas ações são geradas com referência a ações anteriores. Como comportamentos miméticos não são comportamentos copiáveis, isso pode resultar, através da referência a um comportamento não sustentável, o surgimento de um comportamento sustentável, que, contudo, sem essa referência não poderia ter surgido.
9. ***Rituais como geradores de saber prático.*** Para poder agir com competência para a sustentabilidade, um conhecimento teórico não é requerido tanto quanto um prático. Isso possibilita às pessoas, em diferentes campos sociais, instituições e organizações, agirem de modo sustentável. Para tal, grande parte dos conhecimentos necessários para isso são obtidos em processos rituais miméticos. Com a ajuda deles, a ação ritual necessária em novos contextos relacionados à sustentabilidade é encenada e executada. A aquisição mimética conduz os atores a um conhecimento prático, que pode ser transferido para outras situações em que seja necessário um comportamento sustentável. O caráter ritual dessa aquisição faz com que o conhecimento prático mimeticamente adquirido seja praticado, desenvolvido e modificado na repetição. O conhecimento prático assim incorporado é indispensável para a realização da sustentabilidade (Wulf, 2013a).
10. ***Rituais geram indivíduos e sua subjetividade como condições necessárias para a realização da sustentabilidade.*** Por muito tempo, a ritualidade e individualidade eram considerados elementos opostos. Apenas há algum tempo tornou-se evidente que esse não é o caso. A ação sustentável de indivíduos é o resultado de conhecimentos práticos, cujo desenvolvimento requer arranjos ritualísticos correspondentes. Isso não significa que, no contexto de sustentabilidade, tensões e conflitos entre comunidades e indivíduos possam ser evitados; a diferença entre os dois é demasiado acentuada. Uma vida individual sustentável só é possível se os indivíduos forem capazes de agir com competência em comunidades orientadas pela sustentabilidade.

4.3 Gestos

Gestos também desempenham um papel importante no desenvolvimento de uma cultura de sustentabilidade e nos processos educativos necessários para a alcançar. Eles são movimentos significativos do corpo, que levam à expressão de uma intencionalidade relacionada à sustentabilidade (Wulf & Fischer-Lichte, 2010; Wulf et al., 2011). Tais gestos podem, por exemplo, no quadro de rituais de demonstração, retratar o boicote de determinados alimentos ou formas de embalagem ou, com grandes sinais,

indicar a natureza ameaçadora das mudanças climáticas. Então, eles fazem parte da ação ritual de demonstração. Tal como os rituais, eles mostram um significado relacionado à sustentabilidade, que é encenado ou executado por um indivíduo ou um grupo. Gestos podem contribuir para a formação de uma comunidade solidária voltada para o desenvolvimento sustentável. Eles criam um estilo de comportamento comum e produzem uma ordem cultural. Dessa forma, contribuem para a identidade e solidariedade de um grupo, para a visualização dos seus objetivos e para o desenvolvimento de uma cultura da sustentabilidade. Gestos indicam algo e mostram-se no processo; eles são ostentosos, lúdicos e autorreferenciais. Eles estão intimamente ligados à produção e disseminação de comportamentos sustentáveis. Na vida cotidiana, eles podem, por exemplo, desempenhar um papel em relação à aceitação ou rejeição de determinados produtos. No contexto pedagógico e de desenvolvimento de comportamentos sustentáveis, os gestos de demonstração têm especial importância (Paragrana, 2018; Wulf et al., 2011).

Os gestos frequentemente condensam o significado dos rituais em ações ostensivas. Ao focar contextos complexos num momento, esse momento reduz as diferenças e, assim, torna-se particularmente claro. Isso também significa que a complexidade de gestos condensados é especialmente bem-lembrada. Devido à sua clareza performativa, eles podem iniciar ações futuras relacionadas a seu significado. Com isso, eles podem desenvolver um poder mágico, que age sobre o imaginário das pessoas e estimula novas ações.

Por sua clareza e caráter demonstrativo, gestos são particularmente adequados para iniciar processos geradores de solidariedade. São criativamente imitados e estimulam ações e comportamentos semelhantes. Devido ao seu caráter performativo, eles têm uma menor afinidade com os conhecimentos linguísticos e reflexivos do que com os conhecimentos práticos. Sem conhecimentos práticos, a transformação de indivíduos, comunidades e sociedades em direção à sustentabilidade não é bem-sucedida. O conhecimento prático é um conhecimento cultural coletivo e subjetivo baseado no corpo, coletivo e subjetivo, cujo significado é de crucial importância para o desenvolvimento de sociedades sustentáveis.

4.4 Perspectivas

Face às muitas condições destrutivas do Antropoceno e à tentativa desesperada da comunidade global para as controlar, impedir sua expansão e, se possível, reduzir sua extensão, a educação solidária para o desenvolvimento sustentável tem importância central. A educação para o desenvolvimento sustentável é a expressão da preocupação com o futuro do planeta e um esforço para reduzir os aspectos destrutivos do comportamento humano. Nesses esforços, os processos miméticos, rituais e gestuais desempenham um papel importante. Em relação à sustentabilidade, processos de

aprendizagem são cognitivos e performativos; são baseados no corpo e sensoriais e têm uma dimensão estética. Com a ajuda de seu caráter mimético, ritual e gestual, eles visam o desenvolvimento e a incorporação de comportamentos sustentáveis. Por meio da solidariedade de atitudes, ações e interesses, o comportamento está ancorado em uma cultura da sustentabilidade que reúne indivíduos, comunidades e sociedades (Wulf & Baitello, 2019).

Nota:

O texto foi traduzido por Elbio Marcelo Oliveira da Silva, com revisão científica de Wivian Weller, da Universidade de Brasília - UnB.

Título - Do alemão, Erziehung und Bildung. Ou «Grande narrativa»: große Erzählung. Mimicry. Habitus-Wissen

Referências

- Campanella, T. (2009). *The city of the sun*. SMK Books.
- Federau, A. (2017). *Pour une philosophie de l'Anthropocène*. Presses Universitaires de France.
- Gebauer, G. & Wulf, C. (1995). *Mimesis: Culture – Art – Society*. University of California Press
- Gebauer, G. & Wulf, C. (1998). *Spiel, Ritual, Geste: Mimetisches Handeln in der sozialen Welt*. Rowohlt.
- Gebauer, G. & Wulf, C. (2004). *Mimese na cultura*. Annablume Editora.
- Gil, I. C. & Wulf, C. (Org.) (2015). *Hazardous future: Disaster, representation and the assessment of risk*. De Gruyter.
- Kraus, A., Budde, J., Hietzge, M. & Wulf, C. (2017). *Handbuch Schweigendes Wissen*. Juventa.
- Liotard, J.-F. (1986). *The postmodern condition: A report on knowledge*. Manchester University Press.
- Michelsen, G. (Org.) (2017). *Die Deutsche Nachhaltigkeitsstrategie: Wegweiser für eine Politik der Nachhaltigkeit*. Hessische Landeszentrale für politische Bildung.
- Millennium Ecosystem Assessment (2005). *Ecosystems and Human Well-being: Synthesis*. Island Press. <https://www.millenniumassessment.org/documents/document.356.aspx.pdf>.
- Morin, E. & Wulf, C. (2003). *Planeta: A aventura desconhecida*. Associação Brasileira das Editoras Universitárias.
- Morus, T. (2013). *Utopia*. Nikol.
- Platon (1958). Politeia. In *Sämtliche Werke* (Bd. 3, 67-310). Rowohlt.
- Plessner, H. (1982). Zur Anthropologie der Nachahmung. In Plessner, H. *Ausdruck der menschlichen Natur*. Gesammelte Schriften (Bd. VII, pp. 389-398), Dux, G., Marquard, O., Ströker, E (Eds.). Suhrkamp.
- Brandstetter, G., Buchholz, M. B., Hamburger, A. & Wulf, C. (Orgs.) (2018). Rhythmus, Balance, Resonanz. *Paragrana: Internationale Zeitschrift für Historische Anthropologie* 27(1), 11-13.
- Resina, J. R. & Wulf, C. (Org.) (2019). *Repetition, Recurrence, Returns*. Lexington Books/Roman & Littlefield.

- Scholz, I. (2017). Herausforderung Sustainable Development Goals. In Michelsen, G. (Org.). *Die Deutsche Nachhaltigkeitsstrategie: Wegweiser für eine Politik der Nachhaltigkeit* (pp. 23-39). Hessische Landeszentrale für politische Bildung.
- Smil, V. (2011): Harvesting the Biosphere: The Human Impact. In *Population and Development Review* 37(4), 613-636.
- Suzuki, S. & Wulf, C. (Org.) (2007). *Mimesis, poiesis, performativity in education*. Waxmann.
- Tanzer, J., Phua, C., Barney, J., Lawrence, A., Gonzales, A., Gamblin, P. & Roxburgh, T. (2015). *Rapport Planète vivante oceans: Espèces, habitats et bien-être humain*. WWF International.
- UNESCO (2015). *Rethinking Education: Towards a Global Common Good*. UNESCO.
- Wallenhorst, N. (2019). *L'Anthropocène décodé pour les humains*. L'Éditions le Pommier.
- Wulf, C. (2004). *Antropologia da educação*. Àtomo & Alina.
- Wulf, C. (2005). *Zur Genese des Subjekts: Mimesis, Performativität, Ritual*. transcript – Verlag.
- Wulf, C. (2013a): *Anthropology: A continental perspective*. The Chicago University Press.
- Wulf, C. (2013b). *Das Rätsel des Humanen*. Wilhelm Fink.
- Wulf, C. (2013c). *Homo Pictor: Imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado*. Hedra.
- Wulf, C. (2016). *Exploring alterity in a globalized world*. Routledge.
- Wulf, C. (2017). *Antropologia do homem global*. Annablume.
- Wulf, C. (2020a). *Bildung als Wissen vom Menschen im Anthropozän*. Beltz Juventa.
- Wulf, C. (2020b). Den Menschen neu denken im Anthropozän. *Paragrana. Internationale Zeitschrift für Historische Anthropologie*, 29 (1), 12-35.
- Wulf, C. (2021). *Educação como conhecimento do ser humano na era do Antropoceno*. Cortez Editora.
- Wulf, C., Althans, B., Audehm, K., Bausch, C., Göhlich, M., Sting, S., Tervooren, A., Wagner-Willi, M. & Zirfas, J. (2001). *Das Soziale als Ritual: Performativen Bedeutung von Gemeinschaft*. Leske und Budrich.
- Wulf, C., Althans, B., Audehm, K., Bausch, C., Jörissen, B., Göhlich, M., Mattig, R., Tervooren, A., Wagner-Willi, M. & Zirfas, J. (2004). *Bildung im Ritual. Schule, Familie, Jugend, Medien*. Verlag für Sozialwissenschaften.
- Wulf, C., Althans, B., Blaschke, G. Ferrin, N., Göhlich, M., Jörissen, B., Mattig, R., Nentwig-Gesemann, I., Schinkel, S., Tervooren, A., Wagner-Willi, M. & Zirfas, J. (2007). *Lernkulturen im Umbruch: Rituelle Praktiken in Schule, Medien, Familie und Jugend*. Verlag für Sozialwissenschaften.
- Wulf, C., Althans, B., Audehm, K., Bausch, C., Göhlich, M., Sting, S., Tervooren, A., Wagner-Willi, M. & Zirfas, J. (2010). *Ritual and identity: The staging and performing of rituals in the lives of young people*. Tufnell Press.
- Wulf, C., Althans, B., Audehm, K., Blaschke, G., Ferrin, N., Kellermann, I., Mattig, R. & Schinkel, S. (2011). *Die Geste in Erziehung, Bildung und Sozialisation: Ethnographische Feldstudien*. Verlag für Sozialwissenschaften.
- Wulf, C., Baitello, N. (eds.) (2019). *Sapientia: uma arqueologia de saberes esquecidos*. Edições Sesc SP.

Wulf, C./Fischer-Lichte, E. (Org.) (2010). *Gesten: Inszenierung, Aufführung, Praxis*. Wilhelm Fink.

Wulf, C. & Zirfas, J. (Org.) (2004). *Die Kultur des Rituals: Inszenierungen, Praktiken, Symbole*. Wilhelm Fink.

Wulf, C. & Zirfas, J. (Org.) (2007). *Pädagogik des Performativen*. Beltz.

Christoph Wulf

Professor de Antropologia e Educação, membro do Interdisciplinary Centre for Historical Anthropology, do Centro de Pesquisas Colaborativas «Cultures of Performance» (SFB, 1999-2011), do Cluster of Excellence «Languages of Emotion» (2007-2012) e dos programas de pós-graduação «Body Staging» e «InterArts» da Freie Universität de Berlim, Alemanha.

E-mail: christoph.wulf@fu-berlin.de

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1600-8958>

Correspondência

Freie Universität Berlin
Habelschwerdter Allee 45
Room KL 24/108
14195 Berlin

Data de submissão: Dezembro 2020

Data de avaliação: Março 2021

Data de publicação: Setembro 2021